
O CORPO FEMININO E A MODA: SUAS IMPLICAÇÕES

THE FEMALE BODY AND FASHION: ITS IMPLICATIONS

Ana Clara Candida Teixeira

Bacharelado em Psicologia na FIB – Faculdades Integradas de Bauru.

Dilson Brito da Rocha

Mestre em Filosofia pela UNESP-Marília e em Teologia pela PUG/Roma, Itália; Docente na FIB - Faculdades Integradas de Bauru. E-mail: dilsondarocha@gmail.com

Resumo

A partir das relações existentes entre o consumo de moda e as construções identitárias individuais e sociais, este artigo tem por objetivo discutir a relação que se estabelece entre o corpo e a moda em meio a um aprimoramento da mulher nas estruturas de poder. Será abordado como a moda pode ser uma forma de expressão do corpo feminino, o qual é cotidianamente perpassado por um sistema de relações de influências, sendo moldado ao padrão contemporâneo. E, contudo, com o corpo feminino ganhando cada vez mais espaço no meio social como fator de molde, há uma valorização das imagens corporais, quais, por vezes, determinam o fator de aceitação social na vida das mulheres. Analisado a partir de noções simplistas e biológicas, foi sendo controlado ao longo de sua construção histórica, por diferentes práticas de dominação, se tornando alvo de forças políticas e econômicas. Mesmo atualmente onde a mulher ocupa maiores espaços dentro da sociedade, as crenças enraizadas socialmente não se fizeram de outro modo e a adequação do corpo feminino como atributo de beleza continua sendo alvo de preocupação e pertencimento. Por ser elemento extremamente próximo ao corpo, tanto física quanto simbolicamente, a roupa é indissociável dele, e por isso deve ser capaz de revelar muito sobre os discursos que o tocam, a própria vestimenta sendo um deles.

Palavras-Chave: Corpo; moda; Biopolítica; Mulheres.

Abstract

From the existing relationships between fashion consumption and individual and social identity constructions, this article aims to discuss the relationship that is established between the body and fashion in the midst of an improvement of women in power structures, approaching how the Fashion can be a form of expression of the female body, which is daily permeated by a system of influence relationships, being molded to the contemporary standard. And yet, with the female body gaining more and more space in the social environment as a molding factor, there is an appreciation of body images, which sometimes determine the factor of social acceptance in women's lives. Analyzed from simplistic and biological notions, it was controlled throughout its historical construction, by different practices of domination, becoming subject to the action of political and economic forces. Even today where women occupy greater spaces within society, socially rooted beliefs were not made

otherwise and the adequacy of the female body as an attribute of beauty continues to be a target of concern and belonging. As an element extremely close to the body, both physically and symbolically, clothing is inseparable from it, and therefore must be able to reveal a lot about the discourses that touch it, clothing itself being one of them. Inspired by the phenomenological analyzes of Merleau-Ponty and Michel Foucault, we seek to reflect on how fashion is linked to the “being in the world” of each woman.

KeyWords: Body; Fashion; Biopolitics; Women.

1 INTRODUÇÃO

Uma das premissas para o desenvolvimento capitalista foi o processo que Michel Foucault definiu como “disciplinamento do corpo”. O corpo se tornou alvo do poder. Descobriu-se que ele poderia ser moldado, treinado e submetido, para se tornar ao mesmo tempo útil e sujeitável. Paulatinamente, foi sendo ao longo do tempo dobrado pelo poder de maneira sutil, por meio de várias técnicas de dominação. Em meio a isso o corpo feminino se encontra preso no interior de poderes, sofrendo imposições, limitações, proibições e obrigações. Esse movimento começa desde cedo na vida da mulher. Quanto mais dócil for, aceitará as coisas como são, aumentando a lucratividade e diminuindo o pensamento político e crítico. (FEDERICI, 2017).

Ao falar sobre o poder não é tomá-lo tal como é, e sim, desafiar este poder constituído e contestar suas imposições, a fim de liberar o corpo do poder e utilitarismo que fortalecem o sistema de opressão do corpo feminino. (COSTA; CAMARGO, 2019).

As relações de forças vêm agindo desde sempre, mas com a modernidade, o corpo passou a ser analisado e inspecionado em cada detalhe. O movimento feminista denunciou as opressões resultantes dos sistemas de exploração centrados nos homens, e evidenciou o modo como tentaram disciplinar e apropriar-se dos corpos das mulheres. Em consequência do fato, a questão disciplinar do corpo feminino e o modo qual foi, por longos períodos, utilizado para fins produtivos, passou a ser um assunto cada vez mais discutido nas últimas décadas. Seguindo essa lógica, o corpo conquista mais espaço no meio social como agente de molde, onde nota-se um aumento da valorização das imagens corporais que, por sua vez, pendem a determinar o fator de aceitação social na vida das mulheres. O corpo, portanto, é carregado de significados. (LORENSONI; ZAMBOM; ROCHA, 2012).

O corpo exerce um papel de mediação entre o ser e o mundo. O corpo é natureza, ao mesmo tempo em que é cultura. Para Merleau-Ponty, o corpo não é uma coisa, não é uma máquina, nem é pura ideia, mas movimento, sensibilidade e expressão criadora. Segundo Merleau-Ponty (1945/1999, p. 207-208): “eu não estou diante do meu corpo, estou em meu corpo, ou antes, sou meu corpo”. É, perante tal perspectiva, pela experiência do

corpo no mundo que a mulher se insere no mundo, revelando-se em suas manifestações corporais. Partindo do viés da moda, a mulher produz significações que perpassam o contexto histórico e representam identidades individuais ou coletivas, opiniões, classes e grupos sociais. Entende-se que a vestimenta é uma forma de linguagem que possibilita como quem a veste vê o mundo ao mesmo tempo que define o modo pelo qual o mundo vê quem a veste (PEIXOTO, 2012).

Diante disto, a partir das ideias de Foucault em uma ordem das roupas, analogamente, pode-se pensar a potência dos discursos que executam as operações sobre as disciplinas, as ordens e as leis de uma política estrutural que oprime mulheres, com base na lógica de legitimação do saber e do poder. Para Foucault, “a ideia era de ter o domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer.” (FOUCAULT, 1987, p.119).

A moda, apesar de ter estreitos vínculos com o vestuário, não se limita a exclusivamente cobrir um corpo. Ao ser entendida como conjunto de elementos que constroem uma identidade social, percebe-se que a sua relação com o corpo é ainda mais evidente. Todavia, com a sociedade reforçando a prática de consumo, compra e venda efêmera, a mulher é levada a um comportamento de consumo dentro da moda também de maneira efêmera. Com tal transitoriedade presente na sociedade, tudo é passível de ser objeto de consumo e descarte, inclusive as partes indesejáveis do corpo, de modo que as mulheres perenemente alteram-se para estar condizente ao padrão estabelecido pela moda. (FRIZZERA, PAZÓ, 2017).

Partindo de tal linha de raciocínio, é imperioso abordar a superação do limite da materialidade corpórea e a valorização obsessiva das mulheres pelo corpo, decorrente do biopoder na perspectiva do feminino, traçando como o controle sobre o corpo da mulher mantém a dominação e repressão dentro da sociedade contemporânea e perpassando a questão de como tais mecanismos de poder regem o corpo feminino dentro da moda.

Por fim, através desta análise da corporeidade pautada na fenomenologia de Merleau-Ponty que coloca a experiência corporal como decorrente de sentido, devido a sua imersão no mundo, e a liberdade enquanto um modo peculiar de encarar este mundo, juntamente aos ideais de Foucault, que afirma o poder como algo interferente na vida social de uma forma circular e ascendente, este artigo tem por objetivo discutir a relação que se estabelece entre o corpo e a moda em meio a um aprimoramento da mulher nas estruturas de poder. A partir da investigação do corpo, da moda e do conceito de identidade social, busca-se compreender como a moda está ligada ao “estar no mundo” de cada mulher, ao que dar a entender de si, assim como deseja ser percebida.

2 MULHERES E SEUS CORPOS NA HISTÓRIA

Primordialmente, para se debruçar sobre a história da mulher na sociedade, é fundamental desvelar os sentidos construídos para o corpo feminino na atualidade, incidindo uma caminhada breve pela história. Neste senso, as primeiras discussões acerca do corpo feminino pertenciam à igreja e, posteriormente, à medicina. Ademais, devido ao fato de as mulheres terem sido historicamente excluídas da esfera política, seu corpo foi relegado ao doméstico. (COLLING, 2015).

Os preceitos do corpo feminino são incentivados de maneira direta e indireta pelo meio no qual está inserido. As estruturas de dominação sobre o corpo da mulher são produtos de uma reprodução histórica para o qual contribuem os diferentes modos de organização da vida social. Sendo assim, os dominados aplicam categorias construídas do ponto de vista do dominante às relações de dominação, instaurando-as como naturais e se constituindo a partir da adesão que o dominado concede ao dominante. Através desta estrutura, as mulheres se moldam ao papel de submissas e a reproduzir um sistema de opressão, em seus aspectos psíquicos e comportamentais. (GÓMEZ; ROCHA, 2018).

Após um longo período se calando, as mulheres abriram uma brecha na estrutura do poder. As duas décadas que se seguiram desde o início dos anos 1970 com o renascimento do feminismo, permitiu às mulheres a conquista dos seus direitos legais e reprodutivos, entrar para o mundo dos negócios, alcançar a educação superior e derrubar crenças estabelecidas quanto a seu papel social. À medida que as mulheres se liberaram do ideal de feminilidade impossível de ser alcançado pela totalidade e que era vendido pela mídia, o mito da beleza se expandiu, enfraquecendo a misticidade, para assumir o controle social. (WOLF, 2020).

A caça às bruxas, elemento histórico da Idade Média que ocorreu entre os séculos XV e XVI, foi também, um instrumento de controle, que se manteve em sigilo por prolongados períodos. O domínio dos corpos e da sexualidade feminina é reforçado, culminando na morte cruel como alternativa às mulheres que não se adaptassem ao desempenho do papel atribuído a elas pelo sistema imposto. O capitalismo surgia e já determinava que a sexualidade deveria estar a serviço da economia. As mulheres que tinham seus corpos subsumidos à economia eram não apenas as esposas e as donas de casa, mas também aquelas que se recusavam a dominação imposta e foram submetidas à prostituição. Dessa forma, para esta sociedade, surge então a figura daquelas que não agiam cegamente sob o poder de um homem. A caça às bruxas foi, portanto, uma guerra contra as mulheres; foi uma tentativa coordenada de degradá-las e destruir seu poder social. (FEDERECI, 2017)

O corpo é o que nos torna presentes no mundo. Através dele constrói-se a relação da mulher com o meio cultural e social em que se situa. Nessa linha, o corpo pode ser

considerado como um índice das mudanças em curso na sociedade, uma vez que absorve e reflete as informações do ambiente no qual está inserido. Em seu desenvolvimento, é dependente do meio físico e dos contatos que estabelece (ZANDONADI, MELLO, 2012).

3 CORPO COMO CAPITAL

Ao mesmo tempo que o corpo aparecia em protagonismo na cena filosófica e política, um aspecto de destaque foi a concepção degradada que se formara dele.

Na filosofia mecanicista, o corpo é assimilado de forma análoga com a máquina. Concebido como matéria bruta, completamente divorciado de qualquer qualidade racional: não sabe, não deseja, não sente. O “saber” apenas pode converter-se em “poder” se conseguir fazer cumprir suas prescrições. Isso significa que o corpo máquina, não poderia ter se convertido em modelo de comportamento social sem a destruição, por parte do Estado, de uma ampla gama de crenças pré-capitalistas, práticas e sujeitos sociais cuja existência contradizia a regulação do comportamento corporal prometido pela filosofia mecanicista (FEDERECI, 2017).

O sistema capitalista não foi um produto do desenvolvimento evolutivo, mas uma contestação às lutas sociais que ameaçavam seu poder. A imposição da submissão das mulheres é parte da estrutura do capitalismo desde sua origem e é base de sua consolidação. Cabe destacar, que os fundadores dos recorrentes discursos enraizados na episteme comum, são em sua grande maioria homens, que representam, numa relação de poder, o gênero feminino (ASSIS; PODEWILS, 2021).

O corpo da mulher, analisado a partir de noções simplistas e biológicas, foi sendo controlado ao longo de sua construção histórica, por diferentes práticas de dominação, se tornando sujeito da ação de forças políticas e econômicas. Mesmo atualmente onde a mulher ocupa maiores espaços dentro da sociedade, as crenças enraizadas socialmente não se fizeram de outro modo e a adequação do corpo feminino como atributo de beleza continua sendo alvo de preocupação e pertencimento. Essa questão junto ao crescente desenvolvimento tecnológico, evidencia o corpo feminino como um objeto de manipulação e consumo. A mulher, incentivada através dos discursos midiáticos, consome de acordo com o que a sociedade lhe impõe como belo e necessário. (CAMPOS; CIDREIRA, 2018).

Uma ascensão do corpo é percebida no decorrer da história, sendo compreendida através das mudanças de hábitos e costumes sugeridos socialmente, e influenciados pela mídia com a apresentação do ideal de um corpo belo. Dentro de tal lógica, a aparência vêm sendo pauta de relevância nas pesquisas acadêmicas que se debruçam sobre o corpo, ao investigarem ora sob a ótica da construção de identidades sociais a partir da roupa, ora

interrogando sobre a beleza e as formas de visualidades corporais e estilos de vida possíveis, construídas pelas mulheres ou difundidos pela indústria da moda. (LEAHY, 2017).

A moda, na realidade, mantém uma relação intrínseca com o corpo, onde não seria possível existir moda se não existisse um corpo que a carregasse. Se configurando como um conjunto de elementos que constroem uma representação. Ainda que mantenha os mais estreitos vínculos com o vestuário, moda não mais se limita à função apenas de cobrir um corpo. O corpo é um rascunho, uma forma passível de diversas possibilidades. (LORENSONI, ZAMBOM; ROCHA, 2012).

Condizente, Michel Foucault apresenta o pensamento do corpo como possível interpretação do olhar, onde um corpo se apresenta em diferentes perspectivas a depender do modo como é olhado e por quem olha. Portanto, o corpo feminino é um “corpo-para-o-outro”, ou seja, alvo do olhar e, por consequência, do controle externo. (FOUCAULT, 2012).

Vale destacar que, atualmente a mulher se sente moderna por possuir um celular tecnológico, redes sociais ou um eletrodoméstico ultra tecnológico. Perdida em meio ao consumo destes bens disponíveis, não se dá conta de que ainda é submetida ao papel social estabelecido na estrutura do poder sobre o que é ser mulher. Há aqui uma confusão atrelando valores democráticos a valores capitalistas. Os mecanismos de opressão se atualizam de acordo com a necessidade de manutenção de uma estrutura que coloca a mulher em um papel de submissa. Daí a necessidade de romper o sistema e não apenas idealizar os mesmos direitos dos homens. É fazer parte do sistema com o intuito de transformá-lo de fato. (ASSIS; PODEWILS, 2021).

4 CORPOREIDADE FEMININA E SUAS REPRESENTAÇÕES

Para a sociedade que está sendo formada e modulada, é viável a visão de corpo-objeto, pois, a padronização do corpo feminino serve de manutenção ao mercado de consumo. Falar de corpo na sociedade moderna requer uma reconstrução de uma longa jornada das concepções anteriores que levaram a mulher moderna aos conflitos atuais entre si e sua forma de representação no mundo. (TOMAZ *et al.*, 2020).

Na história, a dimensão da linguagem e discursos da mulher, é uma ferramenta de análise significativa como representação. A linguagem não é só vocabulário, mas discurso que numa relação de saber e poder, determina verdades e nos subjetiva. (COLLING, 2015).

A definição de belo se dá através dos símbolos do comportamento feminino que o meio julga ser apetecível. O mito da beleza determina o comportamento, não a aparência.

A competição entre as mulheres foi incorporada ao mito para promover a divisão entre elas. O envelhecimento na mulher é, por exemplo, visto como degradante já que, com o passar do tempo, adquirem poder e, conseqüentemente eles, que diariamente sofrem tentativas de rompimento. As mulheres mais velhas temem as jovens, as jovens temem as velhas, e assim sendo, o mito da beleza se expande. E, a identidade social das mulheres tendo como base o belo, as deixa vulneráveis à aprovação externa. (WOLF, 2020).

A força de expressão que tem o corpo é uma forma de comunicação não verbal. Para estudar as possibilidades expressivas da corporeidade é preciso uma desnaturalização do corpo a fim de ter noção histórica e cultural dele. Sabe-se que o corpo não é só físico, mas sim produzido historicamente. É uma produção discursiva que está inscrita socioculturalmente, e significada através de práticas e atos. (GÓMEZ; ROCHA, 2018).

Nessa perspectiva, o corpo percebe e é simultaneamente percebido. O corpo passa a ser nosso “ancoradouro no mundo” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 200); não é mais um receptáculo passivo das coisas que o rodeiam, mas realidade que exerce uma comunicação com o mundo. É por isso que “o mundo é não aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo; eu estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com ele, mas não a possuo, ele é inesgotável” (MERLEAU-PONTY, 1999, p.14). Ao referir-se ao corpo, Merleau-Ponty (1999, p. 269) nos destaca que “ele é sempre sexualidade ao mesmo tempo em que é liberdade, enraizado na natureza no próprio momento em que se transforma pela cultura, nunca fechado em si mesmo e nunca ultrapassado”.

Com maior ou menor grau de intencionalidade, a mulher constrói para si própria uma forma de comportamento e estilo, a qual pode ser caracterizada como uma moda. À vista disso, através da vestimenta, a mulher produz significações que atravessam o contexto histórico e representam identidades individuais ou coletivas, opiniões, classes e grupos sociais. Pode-se entender, portanto, que a roupa é uma espécie de linguagem que representa quem a veste vê o mundo ao mesmo tempo que define o modo pelo qual o mundo vê quem a veste. (FREITAS; SELIS, 2019).

Acredita-se, contudo, que a relação dos indivíduos com suas escolhas de consumo, em destaque o consumo de moda, não pode ser compreendida apenas em termos de dominação e exclusão. Existe uma amplitude de práticas, que permeiam a sociedade, e indicam que o consumo de moda feito pelo público feminino também possui dimensão criativa e criadora, que envolve intensa produção de significados.

5 A MODA COMO EXPRESSÃO DA MULHER

À medida que o movimento feminista exigiu o acesso feminino ao poder e, as mulheres passaram a encarar a feminilidade de forma política, a estrutura de dominação

recorreu ao mito da beleza para prejudicar de modo substancial o progresso das mulheres. (WOLF, 2020).

A modernidade enfatiza o cultivo das potencialidades individuais, oferecendo a possibilidade de identidades mutáveis, o que inclui a aparência. Nesse contexto, as mulheres tem diante de si um mundo de diversidades, escolhas e possibilidades abertas. São muitas as possibilidades que se apresentam quando o assunto é o corpo, principalmente quando integrante do cenário contemporâneo. Torna-se fundamental abordar o contexto no qual se insere. Não é possível pensar o corpo hoje, na sua articulação com a subjetividade e a identidade, sem discutir a evolução do mundo, dos objetos e do mercado. (ZANDONADI, MELLO, 2012).

Assim, as práticas corporais promovem a inclusão identitária do sujeito – no entanto, ao mesmo tempo, representam um mecanismo de regulação social sobre seu corpo. Na lógica da sociedade de consumo, em que o ser é definido pelo ter, um tipo de corpo pode estar associado a uma ou outra posição social. Portanto, o corpo é uma construção cultural, que varia conforme cada sociedade e cada época. Por meio da imitação os indivíduos reproduzem atos, comportamentos e até mesmo corpos que são considerados exitosos em sua cultura. (ASSIS; PODEWILS, 2021).

O corpo também é influenciado pela moda. Da mesma forma que a roupa transmite mensagens, o corpo, extensão da personalidade do individual, também comunica um sentido, um estilo, uma identidade ou manifesta a influência das interações com os meios social, cultural, ambiental e político em que está inserido. Caso o indivíduo permaneça identificado com as atribuições e expectativas sociais, ele pode vir a sofrer ou com o não reconhecimento de características individuais, que são reprimidas, ou com a reprodução de padrões que não permitem a expressão adequada de sua individualidade nas relações interpessoais. Vestir-se, portanto, é uma tarefa social. (GÓMEZ; ROCHA, 2018).

Por ser elemento extremamente próximo ao corpo, tanto física quanto simbolicamente, a roupa é indissociável dele, e por isso deve ser capaz de revelar muito sobre os discursos que o tocam, a própria vestimenta sendo um deles. Neste contexto em especial transparece um dos meios em que a vestimenta e a moda enquanto fenômeno transitório e social que adornam e formam o corpo. Cada existência possibilita uma nova maneira de ser e existir no mundo. A liberdade existe não devido à situação, mas por seu meio; é preciso que se esteja engajado no mundo para poder escolher. (PIMENTA, 2012).

A moda, nessa perspectiva, se torna uma extensão do corpo no que se refere ao seu significado para a sociedade e quando constrói uma identidade social. Entwistle (2015) defende que a roupa é, em geral, uma prática incorporada, sendo o ato de se vestir do próprio corpo, não podendo ser observado sem este. Para melhor expressar, sem estes, já que os corpos são sempre distintos, marcados por classe, sexualidade, etnia, e outros determinantes sociais que integram nossas percepções e interações. (FREITAS; SELIS, 2019).

Pela perspectiva da psicologia, afirma Flügel (1966), a roupa pode ser tratada como extensão do corpo em relação aos desejos, gostos e hábitos. E, ainda, interferindo na maneira pela qual as relações com o que está ao redor são estabelecidas. Portanto, a roupa integra a cultura corporal como extensão do corpo, seja para cobrir ou meio de diferenciação. A roupa compõe a imagem, concebe cada mulher como ser social e torna o corpo humano culturalmente visível. O vestuário se sintoniza às diversas formas e funções que o corpo assume no decorrer da história. Sendo ele o suporte das roupas e articulador de significantes, necessitando revestir-se com as representações significativas de sua cultura e de seu contexto. Não se trata mais de aceitá-lo como é, mas sim de corrigi-lo, transformá-lo e reconstruí-lo. As modificações do corpo acabam provocando questionamentos sobre a identidade no mundo contemporâneo, em virtude dos diferentes modos em que se apresenta, das infinitas possibilidades de ser vestido e submetido a sacrifícios em função da aparência.

Segundo Foucault, “Poder que é em aparência ainda menos ‘corporal’ por ser mais sabiamente “físico”. (FOUCAULT, 1987; p.159). Adentrando no mundo da moda, tem-se o poder simbólico delineado por Pierre Bourdieu (1989), que reconhecia a construção social da realidade como efeito das articulações de sentido estabelecidas nas relações que se dão uma com as outras. A moda então, simultânea à cultura, é um fenômeno que oferece espaço de entendimento para a mulher dialogar com as relações estabelecidas entre o mundo material e o mundo simbólico. A compreensão sobre a noção de moda é capaz de expressar necessidades sociais e psicológicas, oferecendo, simultaneamente, instrumentos que aproximam e distanciam socialmente. Fazendo um paralelo com os ideais de Foucault, nota-se que, de um lado, a moda oferece à mulher um esquema que expressa uma submissão ao comum e certa docilidade aos padrões de sua época, por outro, é uma forma de auxílio às mulheres para expressarem sua identidade social como forma de diferenciação. A obediência à moda exprime um duelo entre as mulheres e as forças socializadoras exteriores. Em meio a isso, não se percebem assumindo uma postura de obediência e disciplinarização diante do que o mundo da moda está oferecendo ao intencional padronizar a vida, o tempo, o espaço, e o próprio conceito de moda. (ZANDONADI, MELLO, 2012).

Atualmente, a manifestação de veneração ao corpo, se modela a partir de uma estética mercadológica, elaborada por discursos midiáticos. O corpo é sujeitado a uma valorização simbólica de cultura e poder, e para adquirir esse valor, a otimização corpórea se faz através dos modos de vestuário ofertado pelo mercado de consumo. (TOMAZ *et al.*, 2020).

Novamente, as teorias de Michel Foucault surgem no conceito proposto de “moda autoridade”. Se utiliza exatamente o que a moda propõe, como projeto de padronização, correção e aperfeiçoamento. A partir disto, entende-se o motivo da moda ser referida ao uso dos corpos, já que nos modelos atuais da moda, o corpo geralmente é encarado como um cabide, ornado para ser exibido. (FREITAS; SELIS, 2019).

6 CORPO CABIDE: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SOCIAL

A era contemporânea está marcada por ordens de normalização que se unem às normas de controle. A veneração contemporânea ao corpo é inerente de um modo de vida impulsionado pelo desejo de pertencimento aos valores constitutivos da cultura. Isto levou ao incremento de um individualismo em que cada mulher se torna responsável pelo que é. (GÓMEZ; ROCHA, 2018).

Ademais, faz parte da contemporaneidade a própria noção de construção da identidade social, fluida e volúvel. Um mundo manifesto pela ideia de movimento, de mudanças que despejam em grandes transformações nos âmbitos sociais, econômicos e tecnológicos, pelo entendimento do espaço-tempo efeito da vertiginosa velocidade com que os discursos e as imagens são divulgadas. Uma sociedade de excessos e efemeridade, em que grande parte, a vida social e cultural é modificada em modos de consumo. (ZANDONADI, MELLO, 2012).

Com a informação de moda abrangendo grandes categorias de popularização, sobrevém a demanda da criação de representações singulares e diversificadas na procura pela deferência, aparência e percepção no meio social. Nessa moda exibicionista e de grande valorização da imagem, as vestimentas no corpo são usufruídas com intencionalidade projetiva frente a uma imagem ao escolher a roupa e o que significam no seu corpo. (GÓMEZ; ROCHA, 2018). Uma possibilidade que vale destacar dentro da moda, é o modo com o qual as vestimentas dispõem para cada mulher uma construção social da sua identidade, como argumenta a socióloga Diane Crane em *Fashion and Its Social*. E, como também propõe a publicação *Fashion Theory: The Journal of Dress, Body and Culture*, partindo do pressuposto da noção de moda como uma “construção social da identidade corporificada”.

A maneira de vestir da mulher não pode ser limitada apenas na utilidade prática das roupas. A vestimenta se constituiu, nos últimos dois séculos, em uma das formas de adequação social ou de resistência aos limiares simbólicos entre as classes e gêneros. No que toca a resistência às demandas de adequação, as roupas foram representativas por sua linguagem não-verbal e, na maioria das vezes, inconsciente de manifestação de dissidências com relação às identidades sociais prevalecentes. (COLLING, 2015).

Invariavelmente, a adesão a um estilo designa a escolha de pertencimento a um grupo com o qual a mulher compartilha valores, interesses e éticas. Em vista disso, aderir a determinada moda não pode ser visto somente como escolha de um segmento de consumo, mas sim, como um instrumento para concretização dos valores e interesses que a mulher tem em comum com os demais pertencentes do grupo. Se a vestimenta e o próprio corpo são as partes mais visíveis de um processo de identificação que se baseia, primordialmente, em modelos de comportamento que expressam uma relação reflexiva com as

ordens do passado e os princípios do futuro, sendo assim, precisa-se traduzir estes sinais não-verbais em termos sociológicos. As roupas e as técnicas corporais não são somente forma de conversão pela cisão mercadológica e, portanto, servilismo a uma sociedade de consumo. (ZANDONADI, MELLO, 2012).

Desde que socialmente a “beleza” das mulheres passou a ser usada como moeda de troca, concepções diante desta “beleza” progrediram diante da Revolução Industrial lado a lado com concepções referentes ao capital, de forma que ambos os discernimentos são praticamente paralelos na economia de consumo. O que ocorre com o corpo afeta a mente. Enquanto o feminismo ensinava as mulheres a atribuir um alto valor a elas mesmas, a fome analogamente ensina a corroer a autoestima. Exemplificando o que foi dito anteriormente, se é possível conseguir que uma mulher desgoste das suas coxas grossas, esse movimento a direciona a odiar a feminilidade. Ou, ademais, se uma mulher segue uma dieta, pode se sentir fisicamente à mercê de uma economia de escassez. Quanto mais independentes no aspecto financeiro, quanto maior o controle das situações, quanto mais informação e autonomia sob o aspecto da sexualidade, abre-se um espaço para que ocorra um rompimento do padrão lançado ao corpo feminino. Um padrão de esgotamento, falta de controle e insegurança sexual. A fome faz com que as mulheres tenham uma vivência e pensamento desvalidos. A fome possibilita que o corpo cause certo prejuízo e faz com que a mulher seja levada a maltratar seu corpo. (WOLF, 2020).

A moda se conecta, cada vez mais, aos modos reflexivos de modificar o corpo com base nos valores morais e estéticos das mulheres. No decurso deste tempo, as dissidências em relação à forma dominante de identidade social e à adesão aos princípios preeminentes se deram através de táticas. O retrato mais claro de tais táticas está no percurso do vestuário alternativo. Ou seja, aquele que expressava certa apartação do que era socialmente esperado, podia se valer de um adorno ou até mesmo de uma peça de roupa com base em seu propósito. Os estilos da moda atual, suporte da categoria mercadológica e, em particular, da criação de moda e disseminação de aspectos corporais, tendem a se revelar frágeis e efêmeros. Daí a sucessão de culturas que transparece somente atualizarem aflições identitárias sem que, raramente, criem uma revolução sobre as normas com relação as quais se estabelecem e até se rebelam. (GROGAN, 2017).

Para Lipovetsky (1989), a moda pós-moderna exposta nos discursos midiáticos não oferece uma identidade propriamente dita, mas uma prevalência de estilos contemporâneos que permite às mulheres assumirem uma pluralidade de identidades possivelmente contraditórias. Contudo, a mídia dentro da moda trabalha cada marca como uma identidade única, simulando estabilidade quanto à identidade daquela marca. O que fica latente é que a mulher ao consumir certa marca, ela está consumindo um estilo de vida, uma imagem de si, e respectivamente, uma identidade social. (FREITAS; SELIS, 2019).

Movimentos que demandam pautas sobre a política do corpo, a busca do corpo saudável e a contestação dos padrões de beleza também fizeram da *internet* seu canal de comunicação. A liberdade de expressar sua identidade social, seu estilo, seus ideais, sua corporeidade e suas características mais autênticas necessitam de autoafirmação, podendo vir por meio da *internet*, já que se tem a possibilidade de compartilhamento de imagens e relatos. (FREITAS; SELIS, 2019).

Retratando a mídia como um produto do capitalismo e seu poder na adequação da cultura, destaca-se a necessidade de analisar a mídia no cenário da ascensão de uma cultura do consumismo, que impulsiona a atenção da mulher para seus desejos e para uma distração como parte do movimento de sustentar através do consumo, uma demanda capaz de manter a lucratividade da produção capitalista. (ASSIS; PODEWILS, 2021).

O termo “corpo cabide” eleva um questionamento sobre o corpo / objeto que se mostra meramente como apoio para algo externo, um corpo que apresenta um padrão sem elevar questões sobre suas implicações sociopolíticas. A moda é muitas vezes ponderada e criticada deste modo, mas o que se pretende é uma paridade entre os termos corpo, moda e a mulher quanto ser no mundo.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pluralidade das identidades sociais é uma realidade na contemporaneidade que se adaptaram às modificações culturais e sociais. A perspectiva corporal, embora subjetiva, decorre de uma posição de existência no mundo, assim como o modo com o qual a mulher se enxerga está de acordo com o padrão estabelecido pela moda.

Enfim, o corpo feminino, deste modo, é sempre possibilidade de ser, sendo também, sempre um situar-se à possibilidade de liberdade e revolução dentro das estruturas enraizadas de poder estabelecidas no decorrer da história da mulher enquanto ser social. Com isto, se torna necessário a mulher, se perguntar sobre o seu lugar em seu corpo, a fim de poder usar seu corpo, seu rosto e quaisquer vestimentas como forma de expressão e defesa do seu direito de ser.

REFERÊNCIAS

ASSIS, L.L.; PODEWILS, T. L. *Mulheres no Capitalismo: Notas para uma educação feminista*. Research, Society and Development, v. 10, n. 7, p. 1-15. Mai./Jun., 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i7.16234> 1.

CAMPOS, B. B. C.; CIDREIRA, R. P. A ordem da roupa em Foucault: as relações de poder presentes no discurso midiático do corpo adornado. *RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, v.4, n.3, p. 1-8. Set/Dez., 2018.

COLLING, A. M. *A Construção Histórica Do Corpo Feminino*. Caderno Espaço Feminino - Uberlândia-MG - v. 28, n. 2, p. 180-200. Jul./Dez., 2015. ISSN online 1981-3082.

COSTA, L. S.; CAMARGO, L. N. Disciplina e poder: breves considerações sobre a questão do corpo na filosofia de Michel Foucault. *Griot: Revista de Filosofia*, Amargosa –BA, v.19, n.1, p.127-138, fev./ 2019. Disponível em: <https://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/griot/article/view/1029/701>. Acesso em: 21 março 2022.

ENTWISTLE, J. *The Fashioned Body: Fashion, Dress and Modern Social Theory*, Cambridge: Polity Press, 2015

FLÜGEL, J. C. *A psicologia das roupas*. São Paulo: Mestre Jou, 1966.

FREITAS, G. V. C.; SELIS, L. M. R. *Moda Enquanto Discurso: vestimenta e gênero na construção do corpo político*. Universidade Federal de Uberlândia. 32p. Uberlândia, 2021.

FRIZZERA, M. P.; PAZÓ, C. G. *O corpo feminino como capital e o mercado da moda: espaço de produção de vulnerabilidade e de identidades*. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017.

GÓMEZ, C. M.; ROCHA, M. V. *Construindo e padronizando: um estudo históricocultural sobre corpos femininos*. *Áskesis*, v.7, n.2, p. 38-51. Jul./Dez.,2018.

GROGAN, S. *Body image: Understanding body dissatisfaction in men, women, and children*. Londres: Routledge Publishers, 2017. 266p.

LEAHY, R.C. *O Corpo Da Moda Como Corpo Belo*. 13º Colóquio de Moda Unesp Bauru. Out/2017.

LIPOVETSKY, G. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

LORENSONI, M. R.; ZAMBOM, R. C. O.; ROCHA, N. O corpo na moda. Monteiro, R. H. e Rocha, C. (Orgs.). *Anais do V Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual*. Goiânia-GO: UFG, FAV, 2012.

MERLEAU-PONTY, M. O corpo. *Fenomenologia da percepção*. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2018 (original publicado em 1945). 555p.

PEIXOTO, A. J. Os sentidos formativos das concepções de corpo e existência na fenomenologia de Merleau-Ponty. Goiânia, *Rev. abordagem gestalt*, v.18, n.1, p. 43-51. Jan/Jun, 2012. Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809686720120001000_07. Acesso em: 08 abril 2022.

PIMENTA, P. C. Reflexões sobre corporeidade e padrões de beleza a partir de Merleau-Ponty. Bahia: *Revista de História*, v.4, n.2, p. 133-145, 2012.

TOMAZ, R.C; et al. *Corpo Padrão: Um Estudo sobre as Concepções do Corpo Feminino Exposto pela Mídia*. Revista Latino-Americana De Psicologia Corporal, v. 7, n. 9, p.120-145, Junho/2020.

WOLF, N. *O Mito da Beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*. Trad. Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020. 490p.

ZANDONADI, A.; MELLO, P. Corpo e Moda pela Perspectiva do Contemporâneo. *Revista Científica de Design*. Londrina. v, 3. n.1, p.119-129. Jul/2012.